

trabalho *necessário*

issn: 1808-799X

ano 3 número 3 - 2005

A universidade vai ao *shopping center*^{*}

José Rodrigues^{**}
Ronaldo Rosas Reis^{***}

O governo federal prepara-se para enviar ao Congresso Nacional o projeto de Reforma da Educação Superior. De acordo com o documento do Grupo de Trabalho Interministerial, criado em 2003 para orientar o processo de reforma da universidade brasileira, “o Brasil precisa de uma universidade revolucionada”.

A despeito desse ‘apelo revolucionário’, o atual governo conserva a avaliação do anterior de que a superação da crise da universidade brasileira deve ser buscada no mercado. Exemplo disso é o incremento da implementação de cursos de pós-graduação (MBAs e outros), regiamente cobrados nas universidades públicas. Em que pese a prática dos cursos pagos causar desconforto em parte da sociedade pelos evidentes sinais contraditórios que ela emite, o mesmo não tem ocorrido com o processo de reconfiguração do espaço físico das universidades. Um duplo movimento caracteriza tal reconfiguração: a universidade vai ao *shopping center* e o *shopping center* ingressa no *campus* universitário.

Observa-se nos maiores *shoppings* do Rio de Janeiro o crescimento da tendência de incorporação de estabelecimentos educacionais privados de todos os níveis ao tradicional *mix* de lojas. A maciça presença de jovens nos corredores dos *shoppings*, em busca de consumo, lazer, e também trabalho, tem atraído as empresas de educação superior, que têm ocupado o espaço do *shopping center* como verdadeiras ‘lojas-âncoras’.

No sentido inverso, porém de forma análoga, os *shopping centers* têm adentrado o *campus* universitário. Além das tradicionais livrarias e lanchonetes, os *campi* têm recebido

bancos, quiosques de financeiras, agências de veículos, salões de beleza, comércio de roupa, etc. A lógica de instalação, divulgação, funcionamento e financiamento da universidade pública, busca se amoldar à lógica do mercado, invertendo o sentido de 'demanda social'.

A incrível força de penetração da noção de equivalência entre consumo e cidadania encontrou no mesmo segmento de acadêmicos que celebra o advento dos MBAs, elementos de sustentação política. No vácuo do desmantelamento físico dos *campi*, utilizam argumentos que mascaram a falta de investimentos governamentais na universidade pública, enfraquecendo o sentido geral da luta por verbas para o ensino superior. Não estamos muito distantes do dia em que professores, estudantes e funcionários deixarão de lado suas reivindicações históricas para clamar pelo aroma *McWorld*.

[*] O presente artigo foi publicado no jornal O Globo em 25/07/2004, p.6. Ele faz parte da pesquisa "Rumo à Nova América. Pós-modernismo, trabalho e educação superior no subúrbio do Rio de Janeiro", e conta com auxílio financeiro da Faperj.

[**] Doutor em Educação (UNICAMP/1997), professor da Faculdade de Educação da UFF, membro do NEDDATE e pesquisador do CNPq. jrodrig@vm.uff.br

[***] Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ/ 1994) com Pós-Doutorado em Educação (UFMG/2001). Professor da Faculdade de Educação da UFF, membro do Neddade e pesquisador do CNPq. ronaldo3@vm.uff.br

